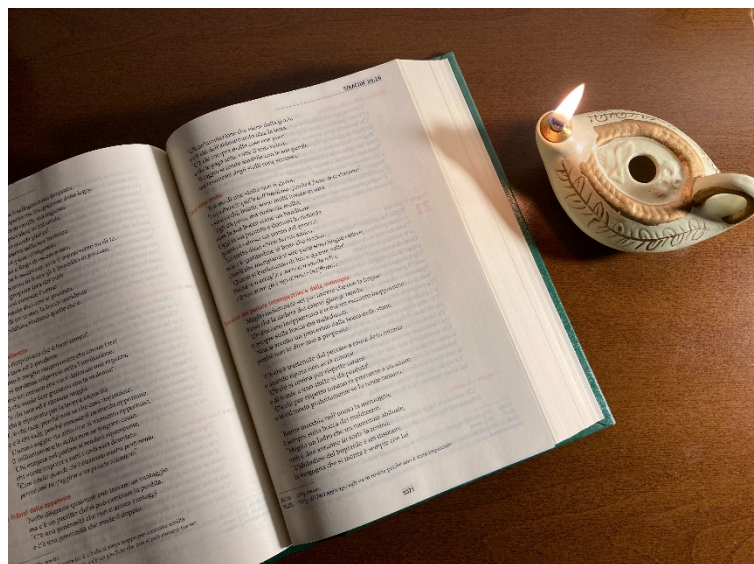


# Formação Permanente 2021



O livro da sabedoria.

Um exemplo bíblico de diálogo  
com a cultura.





O LIVRO DA SABEDORIA.  
UM EXEMPLO BÍBLICO DE DIÁLOGO COM A  
CULTURA

A revelação judaico-cristã, desde o momento da comunicação de Deus com o homem, teve uma característica muito peculiar: deu-se na história. Isto significa que Deus falou com um povo concreto, o povo de Israel. É precisamente esta característica a chave dada por Deus para poder ser compreendida, assimilada e transmitida.

É uma tarefa quase impossível falar de Palavra de Deus sem uma cultura que a acolha. É por isto que toda ação evangelizadora deve se enquadrar em uma cultura particular. Isto não é algo novo. Os autores sagrados já haviam entendido que uma fé desraigada não chega a lugar nenhum, porque esta é sempre diálogo, interação. o *Logos* se fez carne não é à toa. Mais precisamente, habitou entre nós, levando ao cumprimento o que estamos dizendo. Sem uma história por onde caminhar, a mensagem da revelação careceria de sentido.

O livro da Sabedoria é, talvez, um dentre tantos que procurou encarnar no coração da Alexandria helenista a mensagem revelada. Sabemos que a comunidade da diáspora alexandrina era numerosa, e muitos dos hebreus mostravam certa atração para com os usos e costumes gregos, especialmente os jovens, muitos dos quais abandonaram as tradições de seus antepassados e se inclinaram aos costumes helenistas marcados pelos cultos dionisíacos.

Nosso sábio soube aproveitar o melhor da realidade cultural onde vivia, mas, sendo fiel às tradições de seu povo, incultura uma mensagem sem perder sua ortodoxia. Igualmente, mostra-se próximo da realidade, especialmente à dos jovens, que de alguma forma procuravam derrubar a Torãh no cotidiano de suas vidas.

### O HELENISMO COMO FENÔMENO CULTURAL

O Helenismo deve ser entendido, antes de tudo, como um período histórico compreendido entre a morte de Alexandre Magno (323 a.C.) e a célebre batalha de Áccio (31 a.C.). Pois bem, também é preciso lembrar que, com dito nome, faz-se referência, igualmente, a toda a época imperial<sup>1</sup>.

Um dos primeiros estudiosos desta época é G. Droysen, com sua obra *Geschichte des Hellenismus*, onde assegura que compreender o Helenismo como um fenômeno cultural é algo ainda vago. Diz:

Parece-me que a história dos séculos helenísticos está descuidada tanto pelos filólogos como pelos teólogos e historiadores de uma maneira igualmente brusca. Não obstante, é do Helenismo de onde o cristianismo tirou sua origem e as admiráveis direções de seus primeiros incrementos. A esplêndida manifestação de uma visão do mundo e de uma literatura com características e vigência universais, bem como de uma ilustração integral a caracterizar os séculos posteriores ao nascimento de Cristo: todos estes são fenômenos compreendidos unicamente a partir da história do Helenismo<sup>2</sup>.

Droysen foi quem cunhou o *conceito* de «Helenismo», fazendo uma analogia com o alemão *romanisch*, «românico»/«romance». Este conceito foi, muitas vezes, implícito como aquele que tem como antecedente a filosofia hegeliana, a qual considerava o helenismo como um período de decadência, e o romantismo de Herder<sup>3</sup>.

O risco que se corria com esta ideia era o de projetar sobre o Helenismo nossas concepções filosóficas, fazendo desta ideia um momento culminante da cultura e da filosofia gregas, que encontrará seu cumprimento no cristianismo, ao aplicar a peculiar lógica hegeliana (Grécia = tese: espírito subjetivo; Oriente = antítese: espírito objetivo; cristianismo = síntese:

---

<sup>1</sup> Uma síntese da história deste período, cf. M. Hengel, *Hbreus, Gregos e bárbaros*, Paideia, Brescia 2000, capítulo II.

<sup>2</sup> G. Droysen, *Briefwechsel*, München 1929, I, 70.

<sup>3</sup> Cf. L. Canfora, *Helenismo*, Laterza, Roma-Bari 1995, 7, 37-47, 101.

espírito absoluto), embora isto possa ter algum fundamento nas concepções de Plutarco<sup>4</sup>.

Neste contexto, creio ser preciso esclarecer que a universalização da cultura grega não foi obra nem de Alexandre Magno nem de seus sucessores. Foi, sobretudo, Roma a transformar o Helenismo em um fenômeno global em toda a área mediterrânea e oriental próxima. O verbo ἀφ'ελληνίζειν aparecerá pela primeira vez na obra de Fílon de Alexandria (*Legatio ad Gaium*, 147) a propósito de Augusto<sup>5</sup>. Também a ideia da *helenização dos bárbaros* aparecerá pela primeira vez em Plutarco. Resumindo, somente na época romana se começa a ter consciência de fazer parte de um movimento histórico preciso, que, até Augusto, não será consciente de sua própria força.

Embora seja preciso também ter em conta que, já nas conquistas de Alexandre Magno, o grego levava consigo, como que em seu DNA, aquilo que alguns chamaria mais tarde de o *dogma helenocêntrico*, caracterizado por excluir da própria qualquer outra cultura, chamando estes últimos de *bárbaros*<sup>6</sup>.

Graças a isto entendemos o porquê, a partir dos séculos III, II e, inclusive, I a.C., do surgimento da helenização nos povos bárbaros, e não dos gregos. Os bárbaros percebiam nesta o querer parecer-se com os gregos a extraordinária superioridade da cultura helênica. Poder-se-ia dizer que não havia nada que os gregos tivessem tomado dos bárbaros e não o tivessem levado à perfeição. Como cita o Pseudo-Platão um dito conferido por Diógenes Laércio a Sócrates; “Agradeço a sorte de ser homem e não animal, homem e não mulher, grego e não bárbaro” (caso contrário encontramos em Gl 3,28). Portanto, o esforço por helenizar vem da parte dos bárbaros.

---

<sup>4</sup> Cf. *De fortuna aut virtute Alexandri Magni*; M. Hengel, *Hebreus, gregos e bárbaros...* 88; cf. O juízo em Hegel sobre o judaísmo helenista: *Hebreus, gregos e bárbaros...* 204, e as conclusões da obra de L. Martin, *Hellenistic Religion. An Introduction*, Oxford 1987, esp. 161-162. Para alguns paralelos entre o mundo helenista e a situação do século XX, cf. ao contrário as interessantes observações de W. Tarn, *Hellenistic Civilization*, London 1959, 1-9 (esp. 6-7). Cf. também as agudas reflexões de L. Canfora, *Helenismo...* 71-76 sobre a analogia entre o Helenismo e o colonialismo europeu.

<sup>5</sup> Cf. M. Hengel, *Hebreus, gregos e bárbaros...* 91.

<sup>6</sup> Cf. M. Hengel, *Hebreus, gregos e bárbaros...* 95.

Já na época romana a integração com o mundo grego ir-se-á fortalecendo<sup>7</sup>. Contudo isto, o mundo helenista como o *crisol* será uma leitura anacrônica ideal. Helenizar-se será frequentemente tão-somente *falar grego*<sup>8</sup>. Para Sexto Empírico, ἑλληνισμός será a língua falada por Alexandre Magno (*ad Math.* I,76); ao contrário, no *pOxy* 1012 frg. 17, a língua *koiné* será aquela oposta ao ático.

Desde a época dos romanos, a helenização está unida a fatores econômico-sociais. *Helenizar-se* significará participar das classes dominantes. Os reis orientais definir-se-ão como φιλελλήνοι e, logo, γιλορωμάνοι. Posteriormente isto trasladará sua importância para o aspecto filosófico, literário e religioso. Por tudo isto, o estoicismo e seu espírito universalista e cosmopolita converter-se-ão na filosofia predominantes entre o século II a.C. e a primeira etapa romana. O estoicismo nasce no interior das grandes monarquias que regem em povos com culturas tão diferentes. Será em 2Mc 4,13 onde aparecerá pela primeira vez o substantivo ἑλληνισμός em um escrito judaico-cristão.

#### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA DA ÉPOCA

O primeiro significado da filosofia, na época helenista, vem marcado pelas grandes escolas pós-aristotélicas, como os *epicureus*, *céticos*, *cínicos*, *estoicos*. Estas correntes filosóficas têm sua origem nas conquistas de Alexandre Magno, que, além de construir um vasto império, geram um novo mundo onde será preciso dar uma resposta diferente daquela dada até o momento. É, então, quando a filosofia se vê obrigada a guiar o indivíduo a um novo modo de vida, encontrando-se em uma realidade mais extensa, para a qual deveria encontrar uma reflexão eminentemente prática com a finalidade de conseguir a felicidade.

No mundo bíblico encontraremos esta inquietude no livro de Coélet, o qual buscará responder do mais estrito pensamento hebraico à pergunta grega: Quem é que sabe o que convém ao ser humano? (cf. Ecl 6, 10-12).

<sup>7</sup> Por uma precisa vontade da política dos romanos, também estes vistos como bárbaros. Cicero dividirá o mundo em «Italia, Graecia et omnis barbaria» (*de finibus* 2,49).

<sup>8</sup> Cf. M. Hengel, *Hebreus, gregos e bárbaros...* 125ss.

Dentro das correntes filosóficas da época nos deparamos com o *epicurismo*, o qual, retomando as concepções elementares de Demócrito, concebe o mundo como uma máquina regida por princípios mecanicistas. O homem está determinado por seu livre arbítrio, isto em um mundo regido pelo azar, será finalmente livre do terror dos deuses, que não exercem nenhum influxo em sua vida; e, sobretudo, será livre do temor da morte. O prazer será o fim da filosofia, que para Epicuro é passivo, o equilíbrio da alma longe das paixões, a *ataraxia*, a falta de qualquer tribulação.

Outra das correntes filosóficas da época é também aquela que nasce da mão de Pirro de Élis, ou seja, do *ascetismo*, continuada por Carnéades. Para os ascetas a suspensão do juízo e a imperturbabilidade são as características do sábio, o qual só atua em base a juízos de probabilidade.

Mas, talvez, a corrente mais importante da época seja a *stoa* (στοά)<sup>9</sup>, nascida com Zenon (336-263) e Cleantes (ss1-232), e que se difundirá por todo o mundo grego e romano posteriormente. Todavia não é muito conhecida a origem da *stoa*. O estoicismo, sem dúvida, quer dar uma resposta às mutáveis condições políticas do mundo helenista. A ideia de universalismo e de fraternidade proposta pelos estoicos constitui uma boa amalgama ideológica para as novas monarquias helenistas, com o desafio de fazer povos diversos permaneçam juntos. O universo é concebido como uma só grande cidade regida por um rei bom. É por isto que nas cortes se difundia com facilidade o feitio dos filósofos estoicos como os tratados *περὶ βασιλείας*. Isto nos chama a atenção, não ser por acaso o tema da realeza um dos primeiros a serem tratados no livro da Sabedoria, e o próprio escrito se dirija aos futuros dirigentes da comunidade. O estoicismo deixou sua marca.

Para estes filósofos, o mundo é uma grande unidade governada pelo *λόγος* divino, presente de forma panteísta em todo o cosmos. A divindade é boa e tudo governa com inteligência, ordem e misericórdia. Transforma-se em *πρόνοια*, a providência. A sabedoria do homem, portanto, consiste em reconhecer esta ordem.

---

<sup>9</sup> Para uma melhor ideia do estoicismo é essencial o estudo de M. Pohlenz, *Die Stoa. Geschichte einer geistigen Bewegung*, II vol., Göttingen 1970.

No plano ético, é fundamental no estoicismo a concepção da virtude como fim da ética mesma. Se se exercita a virtude, obtém-se a felicidade. Como a virtude se realiza no âmbito do espírito, no reino da alma o mendicante pode ser rei. É por isto que todos os homens são iguais por natureza, mesmo sendo diferentes entre si<sup>10</sup>.

Na consciência (συνείδησις, conceito que se difundirá pelos estoicos; cf. a propósito Sb 17,11), o homem descobre o dever de conformar o próprio livre arbítrio à ordem universal do mundo e se converte assim em ἀυτάρκης, capaz de uma grande liberdade interior.

### **ESPÍRITO E SABEDORIA. UM ENCONTRO ENTRE O MUNDO GREGO E A FÉ DE ISRAEL**

Desde o começo do texto sagrado o «espírito de Deus» é apresentado como uma realidade dinâmica, servindo muitas vezes para caracterizar a relação entre Deus e o homem, um Deus frequentemente longe dele.

Esta proximidade sempre foi motivo de reflexão por parte dos sábios de Israel. O Ben Sira, por exemplo, relê a tradição profética aplicando à sabedoria aquilo que os profetas diziam do espírito de Deus (cf. Sb 39,6 e Is 11,2). Não obstante, o livro da Sabedoria leva a cumprimento esta proximidade entre sabedoria e espírito.

Sabedoria lembra em várias ocasiões o πνεῦμα, o espírito<sup>11</sup>. Mas a novidade está na releitura feita pelo livro da Sabedoria desta ideia tão profundamente bíblica à luz da filosofia estoica.

No estoicismo, o πνεῦμα tem uma lista principal: é a razão do mundo, é seu princípio de coesão, é a alma do cosmos a penetrar todos os seres, é a substância própria da divindade. Com esta abertura à cultura vivenciada

<sup>10</sup> Cf. As epigramas do Meleagro de Gadara em M. Hengel, *Hebreus, gregos e bárbaros...* 114.

<sup>11</sup> O espírito será chamado «santo» em Sb 1,5; 7,22; 9,17 (aqui também «teu» espírito, o de Deus), dito «do Senhor» em Sb 1,7 e «teu espírito» em 12,1; em 1,5.6 e 7,7, ao contrário, o espírito é o da educação e da sabedoria. Assim podemos resumir o tema desta aproximação entre espírito e sabedoria, à luz dos textos citados. O «espírito da sabedoria» conseguido por Salomão de acordo com 7,7 (o mesmo espírito citado no começo do livro, 1, 4-5 e sobre o qual o texto chega a se referir) é, com certeza, antes de tudo, o da sabedoria no governar, pedido pelo próprio Salomão a Deus, segundo a narração de 1Rs 3, 9-12 (cf. também 2Cr 1,10.12). É aquele «espírito de sabedoria» doado ao rebente de Jessé em Is 11,2.



pelo próprio autor, a figura bíblica do espírito será relida, mas utilizando características gregas.

Em Sb 7,22-8,1 o espírito é qualificado com uma lista de vinte e um atributos. Estes atributos foram tomados da concepção estoica, se bem com a particularidade de não cair no panteísmo próprio desta corrente filosófica. Mediante esta caracterização, nosso sábio rei propõe uma ideia tipicamente bíblica: o espírito está presente no mundo e tem uma relação na criação (cf. Gn 1,2). Por meio destas concepções filosóficas, o espírito é descrito como uma realidade imaterial, presente em todas as coisas que, com bondade, governa todo o universo. Em Sb 1,7<sup>12</sup> e 12,1, essa relação cósmica aparece com clareza:

Sim, o Espírito do Senhor enche toda a terra  
e, abrangendo tudo, tem conhecimento de cada som.

A tradução «o Espírito do Senhor enche toda a terra» procura dar-nos a ideia da expressão τὸ συνέχον, onde aparece o verbo συνέχειν, próprio da filosofia estoica. Com isto, o espírito a ser concebido não é só aquele que está presente no mundo, mas também o princípio de coesão, a encher todas as coisas.

O texto de 12,1 mantém o tom estoico, e nos ajuda a compreender como o espírito tem uma estreita dependência de Deus.

Portanto, a novidade trazida pelo livro da Sabedoria é a de voltar a propor o tema bíblico do *espírito criador* com a linguagem da filosofia grega, podendo ser chamada de uma verdadeira e própria inculturação. Assim, sem cair no panteísmo estoico, o espírito se converte em um princípio de unidade do cosmos, sinal da presença de Deus no mundo e nos homens, que, além das concepções estoicas, garante ao homem a vida eterna.

Outra novidade do livro da Sabedoria é a de ter unido a atividade do espírito à da sabedoria. Explicitamente não identifica estas duas realidades, mas certamente as listas atribuídas ao espírito são as mesmas apresentadas como posse própria da sabedoria. Esta possui uma relação cósmica e é sinal da presença de Deus:

---

<sup>12</sup> Cf. R. Fornara, «O espírito enche o universo (Sap 1,7)»: G. Calabrese (ed.), *O Espírito Santo teólogo do povo de Deus. «Ensinar-vos-á todas as coisas»*, Piemme, Casale Monferrato 1997, 17-32.

Ela se estende de uma extremidade à outra,  
com suavidade governa todas as coisas (Sb 8,1).

A sabedoria penetra todas as coisas (7,24) e está presente, de maneira particular e principal, no ânimo do homem (7,27), aspecto sugerido pelo nosso autor sugere ao aproximar a sabedoria do espírito.

**«A SABEDORIA É UM ESPÍRITO QUE AMA OS HOMENS» (SB 1,6)**

Princípio de coesão universal, alma de todas as coisas, presença de Deus na criação e no homem, força moral a permitir ao ser humano o conhecimento da vontade de Deus manifestada na Lei, expressão e alma da sabedoria comunicada pelo Senhor aos homens... tudo isto é o espírito no livro da Sabedoria.

O «espírito da sabedoria» é um «espírito que ama os homens». Queremos nos deter agora nesta expressão repetida duas vezes no livro (1,6 e 7,23), pois é preciso esclarecer o sentido do termo utilizado por nosso autor (φυλάνθρωπος, «que ama os homens») para tomar a questão teológica e espiritual<sup>13</sup>.

Para compreender a ideia do espírito helenista é fundamental decifrar o significado profundo da palavra filantropia (φυλανθρωπία). Platão já falava desta, e os estoicos a definem como «disposição amigável nas relações humanas». Portanto, podemos defini-la como humanidade; cordialidade, cortesia; disposição de ânimo, conceito e ideias muito difundidos nesta época pela filosofia estoica.

Entre os aspectos mais relacionados com a ideia de *philanthrōpía* está a generosidade. Os chamados benfeitores se caracterizam por esta virtude. Igualmente, a filantropia se converte na primeira virtude que devem ter os governantes. Estes devem mostrar-se benévolos e generosos com seu povo<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> A tradução «que ama os homens» é mais precisa que «amigo dos homens» a mui difundida. Para uma análise detalhada do tema da filantropia, sugiro ler o que escreve G. SCARPAT, *O livro da Sabedoria*, III vol., Paideia, Brescia 1999, I, 82ss. Cf. também C. SPICQ, *Notas de lexicografia neotestamentária*, II, Paideia, Brescia 1994, 722-728 e M. GILBERT, *A Sabedoria de Salomão*, Apostolado da Oração, Bergamo 1995, II, 18-21.

<sup>14</sup> No que respeita ao rei, de fato, não é raro encontrar o epíteto de filantropo referido aos Ptolomeus do Egito, como também, mais tarde, aos preferidos, às autoridades romanas e ao próprio imperador. Não por

Assim, quando se fala dos governantes, o termo está muito presente, quando falamos da divindade este não é tão frequente. Mas é de uso comum entre os estoicos atribuir esta filantropia ao divino, pois esta representa a *razão universal*, o *logos* que faz funcionar o universo. Vale lembrar que Platão também falava de um deus (kronos), que amava os homens, um deus filantropo, pertencente à já passada idade de ouro (cf. *Leg* 4,731cd).

O celebre filósofo judeu-alexandrino Fílon entende esta filantropia como uma manifestação da misericórdia divina, pondo-a em muitas ocasiões como companheira da bondade e da beleza dadas por Deus. Quando fala da miserável situação dos hebreus oprimidos no Egito, diz:

É, então, que Deus, em sua clemência (ἐπιείκεια) e em seu amor pelos homens (φιλανθρωπία), atributos de sua natureza [...], tem piedade deles e traz um remédio aos seus sofrimentos (*De vita Mosis*, 1,198).

É característico deste autor a conexão entre filantropia e bondade/benignidade. Deste modo, o termo filantropia será utilizado em uma conhecida passagem do Novo Testamento, que a liturgia latina proclama na noite de Natal:

Mas quando se manifestou a bondade e a *filantropia* de Deus, nosso Salvador, e o seu amor pela humanidade, Ele nos salvou, não por causa dos atos de justiça que tivéssemos praticado, mas por sua misericórdia (Tt 3, 4-5a).

Em Sb 7, 22-23, o autor descreve as características do espírito da sabedoria em vinte e um atributos. Depois de descrever o espírito como um dos atributos a sublinharem a transcendência – «inteligente» (vocábulo que denota o influxo da filosofia estoica) e «santo» (vocábulo bíblico) –, o texto destaca a natureza do espírito e, ao mesmo tempo, a multiplicidade, «uma unidade de diferentes» causada pela «mobilidade» do espírito. A partir do sexto atributo são descritas as propriedades do espírito. Do undécimo, são enumeradas as qualidades do espírito em relação à sua ação no mundo e no homem. O atributo décimo terceiro é propriamente o do *philanthrōpos* (φιλάνθρωπον), «amigo do homem». Este atributo está estreitamente conectado com o precedente, *euerghetikón* (εὐεργετικόν), «benéfico»<sup>15</sup>.

---

casualidade os cidadãos fazem uma chamada à humanidade, à bondade, à clemência e à liberdade de seus governadores. Tudo isto é expresso por meio do termo *φιλανθρωπία*.

<sup>15</sup> O termo aparece na Bíblia grega pela primeira vez neste texto, mas é muito conhecido na linguagem de seu tempo. «Benfeitores» são os reis do Egito (um deles tinha o sobrenome de Evérgeta) e «benéficos», benfeitores, são os deuses. Nem por isso os dois adjetivos servem para indicar juntos a benevolência divina.

No texto de Sb 1,6 o contexto parece quase contradizer, permutando, tais afirmações:

A sabedoria é um espírito *filantropo*  
 mas não deixa impune quem blasfema;  
 pois Deus é testemunha dos sentimentos,  
 investiga o coração segundo a verdade  
 e mantém à escuta da sua língua.

Parece quase querer dizer: sim, a sabedoria é um espírito amigo dos homens, mas quando estes merecem. E a leitura do livro da Sabedoria deixa a impressão de que, com a misericórdia de Deus, existe, sem dúvida, o castigo para o malvado. É preciso observar, antes de tudo, que a filantropia e a benignidade não eliminam, de acordo com o autor, a exigência da justiça. Além disso, no livro da Sabedoria não se resolveu, contudo, um problema muito grave, com o qual o Novo Testamento dever-se-á confrontar: a tensão entre o amor de Deus e a exigência de uma justiça punitiva. A conexão existente entre os vv. 4-7 nos proporciona uma ajuda subsequente: a sabedoria não entra em um ânimo malvado (v.4), porque o espírito da disciplina não aceita o mal (v.5); a sabedoria é animada por um espírito que ama o homem, e por causa disso o corrige devidamente (v.6); sua natureza espiritual, de fato, lhe concede conhecer o íntimo, bem como o espírito do Senhor – evidentemente é o mesmo espírito da sabedoria – que tem unida toda a criação (v.7).

### CONCLUINDO...

Espírito e Sabedoria, duas realidades aparentemente distantes que no livro da Sabedoria, iluminam-se mutuamente. O espírito de Deus, sua força presente no mundo e no homem, está agora mais próximo. Ele é também o espírito daquela sabedoria que está à disposição de todos (cf. Sb 6,12), realidade divina e humana juntamente. Mas é do mundo grego de onde o autor do livro da Sabedoria tira uma ideia nova do todo para as Escrituras: aquela de que o espírito de Deus, espírito de sabedoria, é «*filantropo*», amigo do homem, a quem ama.

---

Agora é o espírito presente na sabedoria o que representa tal benevolência. Por meio do espírito, Deus mostra seu comportamento benévolo e «humano» na relação com os homens. É por isto que a sabedoria, animada por este espírito, “mesma sozinha, tudo pode” (7,27) e é «imagem de sua (de Deus) bondade» (7,26).

Os contextos nos quais tais passagens (cf. Sb 1,6 e 7,23) inserem-se são significativos. Na primeira parte do livro, a finalidade do autor é anunciar a sorte desigual que espera ao justo a respeito do ímpio, a vida eterna. Ante a mensagem de vida, se desenvolve a oposição daqueles «malvados», os judeus apóstatas de *Sabedoria 2*, não vendo outra coisa diante de si senão a morte (cf. 2, 1-6). Porém, Deus criou tudo para a vida (cf. 1, 13-15). O espírito de sabedoria, amigo dos homens, é sinal desta oferta da sabedoria que só pode ser rechaçada pelo homem (cf. 1,13.16; 2,24), mas nem partida nem anulada. O dom da sabedoria e do espírito filantropo (cf. Sb 7-9) são a prova desta vontade de salvação por parte de Deus. O espírito que ama os homens se converte, então, em imagem daquela «acessibilidade» de Deus, sua bondade, sua generosidade, sua clemência, mais ainda, sua *philanthrōpía*, ou seja, sua «humanidade». O espírito da sabedoria é, por isto, enfim, realidade a revelar a presença de um Deus totalmente voltado para o homem, mesmo quando parece castigá-lo.

O espírito vem de Deus. É aquele espírito do Novo Testamento revelado como sendo uma pessoa, entretanto visto já presente no mundo e no próprio homem: esta é a alma da sabedoria, permitindo ao homem viver de acordo com a vontade de Deus e ser salvo (cf. também 9, 17-18), porém, sobretudo, faz parte do próprio homem um ulterior sinal da bondade de Deus (Sb 12, 18-19).

Em Sb 11,15-12,27 o tema de fundo é propriamente a moderação divina para com os pecadores. Encontram-se, neste contexto, duas importantes afirmações que tivemos de lembrar: a presença universal do espírito (cf. 12,1) e a «filantropia» com a qual os homens são chamados, à imitação daquela de Deus, manifestada pelo espírito (cf. 12, 18-19). Tal «filantropia» divina se converte, propriamente, por causa da presença do espírito no homem, em «filantropia» para toda a humanidade, testemunho vivo da misericórdia clemente e universal de Deus.

Esta reflexão, por sua vez, é o claro reflexo de uma inculturação da mensagem bíblica, a qual, mesmo se valendo de toda a bagagem estoica, consegue manter sua tradição, porém, apesar disso, fala um idioma diferente, podendo ser entendido pelos leitores do livro.

É também um chamado urgente a fazer de nossa realidade cultural um trampolim para a mensagem poder chegar a todos sem minguar seu poder nem seu sentido. A isto somos chamados, a ser profetas capazes de discernir os sinais e a linguagem dos tempos para que, por meio do *diá-logo*, possamos continuar perpetuando a encarnação do *Logos* na carne humana.

LUCIANO AUDISIO OAR  
*Facultad de Teología de Granada*  
*Granada (España)*





agostinianos  
recoletos

**Instituto de Espiritualidade e História**  
Cúria Geral